

JORNAL: *Bahia Hoje*
CAD: *Cidade de Bahia*
Anexo: Bairro

DATA: *07.11.93*
PAG: *13*

COMÉRCIO

SMCS

Secretaria de Comunicação Social



**PREFEITURA
DE SALVADOR**
TRABALHANDO PARA VOCE

400 ANOS DE RUA

MARCOS UZEL ♦ REPÓRTER

Houve um tempo em que as águas da Baía de Todos os Santos inundavam toda a área do Comércio. Nessa época, há mais de 400 anos, a Cidade Baixa ainda não contava com o Mercado Modelo, o Elevador Lacerda e a Praça Cairu. Apenas o mar preenchia a paisagem daquele trecho de Salvador, indo bater nas encostas dos montes que mais tarde ficaram conhecidos como Ladeira da Montanha, onde os navegantes que aportavam faziam a carga e a descarga de mercadorias.

Para poderem retirar os produtos dos barcos e se locomoverem em direção ao Terreiro de Jesus, os padres jesuítas do passado levantaram uma espécie de guindaste com cordas e balanças, no cais próximo à atual subida da Montanha. Foi assim que eles conduziram o material para a construção do Colégio dos Jesuítas, um dos primeiros do país, no mesmo local do prédio da antiga Faculdade de Medicina. A

partir do século XVIII, toda aquela área perto do porto foi aos poucos sendo aterrada até se transformar na zona conhecida como o Comércio de Salvador.

A paisagem se afastou do mar e ganhou um perfil urbano, mas um pedaço dessa história ficou registrado no nome de uma pequena avenida situada entre o pé da Ladeira da Montanha e o Plano Inclinado Gonçalves: a rua Guindaste dos Padres, uma estreita e pacata via de acesso, que passa quase despercebida pelos apressados motoristas e pedestres do centro da cidade. "Esta rua já foi famosa pelo número de alfaiates que trabalhavam por aqui, antes da expansão das confecções modernas", recorda o empresário Antônio Augusto de Moraes, dono de um dos mais antigos estabelecimentos da rua, a Casa Moraes, fundada há 72 anos.

As lojas de ferragens e de tecidos atravessaram décadas como tradições típicas do comércio na Guindaste dos Padres. A rua ainda mantém cerca de 60 casarões comerciais antigos, quase todos tom-

bados pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac). Estabelecimentos como Os Gonçalves, Gil Ferreira, O. Batista, Santos, Queiroz e Requião foram muito frequentados no passado, mas acabaram sendo engolidos pela proliferação dos *shopping centers*, que levaram muitos clientes para longe.

Dos pontos tradicionais, apenas as casas Gomes e Moraes continuaram dando lucros, principalmente esta última, que se transformou na mais bem-sucedida loja do ramo de ferragens na Bahia, vendendo cerca de dez mil tipos de artigos. Os raros alfaiates que permaneceram na velha avenida não tiveram a mesma sorte. No primeiro andar de um prédio quase arruinado, o senhor Rubem Medeiros, 66, ainda desenha as roupas de poucos clientes. Seu ofício perdeu o cheiro de progresso e virou uma simples lembrança na memória dos antigos comerciantes da área. Mas também entrou para a história da rua, assim como o guindaste, os padres e as águas que um dia invadiram aquele pedaço da cidade.

JORNAL: Bahia Hoje
CAD: Ciolada da Bahia

DATA: 04.11.93
PAG: 13

SMCS
Secretaria de Comunicação Social



PREFEITURA
DE SALVADOR
TRABALHANDO PARA VOCE



A rua já abrigou alguns dos melhores alfaiates de Salvador

Ouro guardado em subterrâneos

Além dos guindastes para retirada de mercadorias nos barcos que chegavam ao porto de Salvador, existiam no início da colonização subterrâneos que interligavam as cidades Alta e Baixa, saindo nas imediações do Terreiro de Jesus. Uma entrada para estes subterrâneos foi conservada durante muito tempo no Plano Inclinado Gonçalves, construído no final da Rua Guindastes dos Padres, em 1874, um ano depois da criação do Elevador Lacerda. "Dizem alguns que ali era esconderijo de ouro", conta o dono da Casa Moraes.

Nas proximidades das encostas onde batia o mar, também existiu, entre 1599 e 1912, a chamada Fonte do Pereira, que oferecia água potável para o abastecimento de todas as embarcações que ancoravam no local onde é hoje a subida da La-

deira da Montanha. Aquele trecho do Comércio representa o terceiro cais construído no reinado de D. Pedro II, em 8 de dezembro de 1881. Uma placa histórica ainda permanece assentada na muralha situada aos pés da ladeira.

Essa história peculiar combina perfeitamente com os casarões antigos da Rua Guindaste dos Padres, que já chegaram a servir como residência de operários. No lugar do cais e da fonte, ficou um clima de ancestralidade fortalecido pela tranquilidade da avenida e pelos mistérios da Montanha. Apenas um fast-food italiano na esquina e o Edifício Normélia quebram o cheiro de passado das edificações. O Normélia é considerado o mais moderno da rua, com seus escritórios de diversos ramos e sua boutique de produtos eróticos, localizada no 4º andar.

Lembranças de um passado de glória

O empresário Antônio Augusto de Moraes conhece como ninguém a Rua Guindaste dos Padres. Desde que ingressou no ramo de ferragens, há 44 anos, ele se tornou íntimo da área, acompanhando suas fases de efervescência e marasmo. Segundo o empresário, aquela avenida foi um importante ponto de concentração do comércio de atacado e varejo em Salvador nos anos 50. Ele lembra do alfaiate Rafael como um dos mais famosos da época, muito procurado por pessoas conhecidas da cidade.

Outro personagem típico da área na década de 50 era o sapateiro Manoel, que sumiu e não deu mais notícias. "As pessoas só queriam consertar os sapatos com ele, devido à sua alegria e ótima conversa", recorda o empresário. O clima festivo da Guindaste dos Padres também é lembrado por Alfredo Silva e Reginaldo de Jesus, os dois funcionários mais antigos da Casa Moraes. Um dos grandes eventos da rua eram as comemorações de fim de ano da loja, que perderam a pompa do passado.

Mas não foi só isso que ficou para trás. O comerciante Horácio Gomes, dono da Fábrica de Tecidos e Confeções Gomes, está preocupado com a falta de rede de esgotos e com outros aspectos de degradação da rua. "Os prédios são tombados pelo Ipac, mas ninguém veio aqui fazer nenhuma reforma", protesta. Além disso, não é nada fácil estacionar carros naquela região. Para não perder clientes, Antônio Moraes criou a telezona, oferecendo garagem privativa com reservas marcadas por telefone.